

SE ESSA RUA FOSSE NOSSA: URBANISMO E GÊNERO EM RUA DA CIDADE DE ARAPIRACA-ALAGOAS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-277>

Data de submissão: 19/04/2025

Data de publicação: 19/05/2025

Alice de Almeida Barros

Dra.

Professora do Curso Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca
E-mail: alice.barros@arapiraca.ufal.br

Thatyane Pereira Melo da Silva

Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca
E-mail: thatyane.silva@arapiraca.ufal.br

RESUMO

O horário em que vai sair, as roupas com as quais se vestirá, as ruas pelas quais precisará andar: o que há de diferente no corpo das mulheres que as impossibilitam de experimentarem as cidades livremente, sem que esses pensamentos sejam os primeiros às afligirem antes de saírem de casa? Foi com esta inquietação que o presente artigo se propôs à elaboração de estratégias para planejamento urbano a partir da perspectiva de gênero para a rua Expedicionário Brasileiro, na cidade de Arapiraca-AL, de modo a oferecer melhorias à permanência e circulação saudável e segura para mulheres e meninas arapiraquenses.

Palavras-chave: Estratégias para planejamento urbano. Urbanismo e gênero. Arapiraca.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre urbanismo e gênero, surge uma questão: “a cidade é segura para todas as mulheres?”. As pesquisas respondem a esta pergunta de maneira direta: não. A resposta aponta para um fenômeno social gravíssimo, a resistência de uma cultura patriarcal, racista e socialmente desigual, onde o homem cis, branco, heterossexual e de classe econômica superior foi e ainda é a pedra angular do planejamento das cidades.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a relação entre urbanismo e perspectiva de gênero, destacando estratégias para o planejamento urbano para rua Expedicionários Brasileiros, em Arapiraca-AL, a partir da análise de projetos urbanísticos que propõem alternativas saudáveis e seguras para a permanência e circulação de mulheres. No contexto das cidades, as desigualdades entre as identidades de gênero são elementos de formação e consolidação do espaço urbano. A cidade é resultado de diversos processos histórico-culturais. Ela foi criada e planejada para ser um espaço de dominação masculina. Nesse sentido, compreender o processo de planejamento urbano e a execução de projetos através da perspectiva de gênero é essencial para a criação de cidades mais democráticas, justas e igualitárias.

Para alcançar o objetivo principal etapas foram realizadas, a primeira delas foi a realização de estudos para compreender conceitos importantes relacionados ao feminismo e projetos urbanos sob a perspectiva de gênero, se mostrou essencial consultar autoras e autores que abordam os temas em suas pesquisas no contexto internacional e nacional. Outra etapa foi a identificação de projetos de ação, planejamento e urbanismo, contexto internacional e nacional, que levam em consideração as necessidades do gênero feminino.

A pesquisa foi aprofundada nos anos de 2021 e 2022, sendo percebido, até aqui, o resultado das transformações da cidade após as duas primeiras décadas do século XXI. A fase seguinte se deu reunindo aspectos favoráveis dos projetos analisados que podem ser aplicados para melhorias de espaços urbanos em contexto local, como na cidade de Arapiraca, Alagoas e, especificamente, na Rua Expedicionário Brasileiro. Sendo uma das principais da cidade, a via em questão é diversa em seus usos e está entre os bairros Senador Nilo Coelho, Baixa Grande, Cavaco, Eldorado, Baixão e Centro. O direcionamento da pesquisa se projetou nesse recorte da cidade, onde foi possível identificar quais são os principais usos da via, qual é a relação das mulheres arapiraquenses com ela e como a utilizam, levando em consideração suas experiências e narrativas a fim de propor melhorias realmente eficazes, tendo como ponto de partida os estudos entre gênero, raça e classe.

2 ANÁLISES DOS PROJETOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

A fim de elaborar estratégias para planejamento urbano com foco na perspectiva de gênero, foi necessário analisar projetos ou iniciativas já existentes, tanto na realidade local quanto na realidade global. Os projetos escolhidos foram: Frauen Werk Stadt I, na Capital da Áustria, Viena, e o Guia Parque para Todas e Todos, que conta com instruções para a implementação de parques urbanos a partir da perspectiva de gênero e que apresenta como essas medidas foram implementadas do Parque da Orla do Guaíba, em Porto Alegre – RS.

2.1 FRAUEN WERK STADT

“Como seria um distrito planejado a partir da perspectiva das mulheres?”, foi com essa pergunta que, em 1993, “a Oficina das Mulheres lançou um concurso para o projeto chamado Frauen Werk Stadt Model Project” (CORADIN, 2014, p. 156). A proposta do concurso se baseava em criar um projeto de habitação social pensado por e para mulheres. A proposta vencedora foi a da arquiteta Franziska Ullmann. Denominado Frauen-Werk-Stadt I, que significa Mulheres na cidade do trabalho, (Figura 01), o projeto contou com trezentas e sessenta

(360) unidades habitacionais, para que, pelo menos, mil pessoas pudessem viver ali. A escolha se deu pela “sensibilidade na resolução do desenho dos espaços abertos” (CORADIN, 2014, p. 157).

Figura 01: Implantação do Frauen Werk Stadt I



Fonte: Renata Coradin, 2014. Material elaborado pelas autoras, 2022.

O projeto Frauen-Werk-Stadt I não está apenas ligado às questões arquitetônicas no sentido do habitar residencial, a proposta também traz conceitos importantes a serem expostos no âmbito do urbanismo. É possível perceber, por exemplo, que a arquiteta Franziska Ullmann, responsável pelo

Masterplan do projeto, incorporou o conceito dos “olhos sociais”, elaborado por Jane Jacobs em *Morte e Vida de Grandes Cidades*.

Além disso, a arquiteta se preocupou também em conectar todas as entradas do complexo com o intuito de potencializar o encontro entre as pessoas, tanto as que residem no edifício quanto as que estão passeando por ele. Ademais, a arquiteta percebeu que, ao conectar as entradas, as pessoas poderiam ver e serem vistas em todo o momento. Desse modo, os espaços internos do conjunto habitacional são exclusivamente para pedestres, sendo proibida a entrada de carros. O projeto conta também com espaços comerciais, oficina de polícia, creche e pontos de ônibus.

2.2 GUIA PARQUES PARA TODAS E TODOS

No contexto nacional, surge, em 2019, o guia Parques para Todas e Todos como forma de modelo de operação sustentável para um parque na Orla do Guaíba, em Porto Alegre. O primeiro tópico, intitulado Perspectiva de Gênero, se propõe a explicar os principais conceitos que dão norte ao guia. Nesse sentido, é demonstrado enfaticamente que as relações de gênero, sendo construídas socialmente, podem reproduzir padrões que limitam a capacidade de realização plena das pessoas, principalmente dos grupos de mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência, dentro das cidades.

O segundo tópico traz uma série de recomendações para a implementação da perspectiva de gênero em parques urbanos. Nesse sentido, foram elaboradas oito diretrizes baseadas na experiência dos usuários e usuárias do Parque Urbano da Orla do Guaíba, em Porto Alegre, RS. Dentre essas diretrizes estão: a) promoção da paridade de gênero na administração do parque; b) espaços com sombra e bancos para acompanhantes de crianças; c) iluminação pública com igualdade de gênero, indo além das faixas de tráfego e d) calçadas que permitam a passagem simultânea de pedestres, cadeiras de rodas, carrinhos de bebê e de compras.

Por fim, o tópico também apresenta a experiência da cidade de Porto Alegre - RS com a estruturação do Parque da Orla do Guaíba, parque este projetado a partir da perspectiva de gênero (Figura 02). A estruturação aconteceu nos meses de abril de 2018 a novembro de 2019 por meio da Prefeitura de Porto Alegre em parceria com o Escritório das Nações Unidas de Serviço para Projetos (UNOPS) e com o Instituto Semeia, através das diretrizes incorporadas na implantação do trecho do parque. O projeto obteve impacto positivo, recebendo em média 50 mil visitantes por fim de semana.

Figura 02: Usos diversos no Parque da Orla do Guaíba



Fonte: GZH Porto Alegre, 2021.

Dentre as principais iniciativas adotadas na implementação do Parque Urbano da Orla do Guaíba e que podem também ser adotadas para a Rua Expedicionário Brasileiro, em Arapiraca-AL, estão: locais com sombra, banheiros públicos com fraldário, bebedouros, incentivo à reciclagem, comunicação visual e sinalização com linguagem não sexista. Por fim, o guia torna evidente a necessidade urgente de as cidades brasileiras adotarem a perspectiva de gênero em seus projetos urbanísticos. Dessa forma, será possível a criação de espaços públicos seguros, de uso diversificado e que levem sempre em consideração as necessidades de quem os frequenta.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A cidade é vivida por uma sociedade diversa e formada por grupos que podem se diferenciar em idade, raça, gênero, necessidades especiais, nesta pesquisa o foco dos estudos está direcionado para pessoas do gênero feminino, este é “compreendido como um significado assumido por um corpo” (JUDITH BUTLER, 2019, p.31), que se reconhece como mulher. A pessoa está em constante construção e se enxerga nesse processo como um ser feminino e é vista como tal no momento que percorre os espaços. E ao percorrê-los vive acontecimentos que somente são possíveis de serem vividos por um corpo feminino.

Acontecimentos ao longo da história no mundo e no Brasil, como por exemplo: perseguição de mulheres com saberes mágicos, proibição do voto feminino até o século XX, impedimentos para sair nas ruas sem uma figura masculina ao seu lado, são alguns fatos que mostram como o poder de decisão feminina e sua liberdade de ser e agir eram limitados pela parcela da população que dominava os espaços e liderava atividades: os homens. E desde o passado a cidade tem sido palco de vivências difíceis para as mulheres, estas não se sentem seguras e confortáveis para permanecerem nos espaços públicos (ruas, praças, parques), conseguindo apenas circular em fluxos rápidos e em direção aos locais onde irão realizar as diferentes atividades na cidade.

Para Marcio Ornat e Joseli Silva (2007) a maneira como homens e mulheres se relacionam com o espaço urbano é diferente. Essas maneiras, segundo os autores (2007, p. 183) são “construídas por intermédio das relações sociais, atravessadas por construções de gênero”. Perante o exposto, essas maneiras de ocupação despertam inquietação diante do fato de que os homens sempre puderam transitar e permanecer por quaisquer lugares que desejassem, enquanto as mulheres sofriam restrições, medos e nem sempre puderam se fixar em lugares públicos.

Segundo Zaida Muxí Martinez (2011), o lugar da mulher, na sociedade atual, ainda tende a ser confundido com as tarefas domésticas e parentais, mesmo que elas sequer exerçam tais atividades. Todavia, as moradias e as cidades continuam sendo pensadas a partir da divisão de papéis entre homens e mulheres. Uma vez que o “lugar” da mulher ainda é visto como domiciliar, as cidades não conseguem permitir que as mesmas possam experimentar o espaço urbano do mesmo modo que os homens, pois existem restrições com relação à circulação e permanência dessas mulheres no espaço público.

Diante desse cenário, Diana Helene Ramos (2015) também manifesta que as mulheres, no contexto urbano, precisam estar o tempo inteiro preocupadas com as roupas com as quais sairão de casa ou mesmo a postura que terão ao transitar pela cidade, a fim de que “não ‘atraiam’ os possíveis violentadores” (RAMOS, 2015, p. 291). Tais limites citados pela autora escancaram a realidade das restrições sob as quais as mulheres precisam se submeter para serem aceitas na vivência do espaço público.

Ao pensar em propostas para as mudanças na cidade, de acordo com Josep Maria Montaner e Zaida Muxí (2021, p.33): “é importante entender que o espaço, o território onde a política municipal intervém, não consiste em um espaço genérico e vai mais além de um lugar significativo: o espaço na política só tem sentido se estiver habitado”, e habitado não apenas por um grupo social, mas por qualquer pessoa considerando suas necessidades e limitações.

4 RESULTADOS ALCANÇADOS

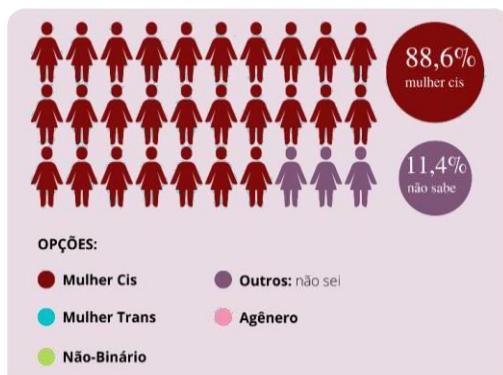
Como seria a Rua Expedicionário Brasileiro se ela fosse feminina? Ao longo da construção do trabalho e das entrevistas e vivências no local objeto de estudo, foi possível fazer uma relação entre o planejamento urbano cis-heteropatriarcal e o modo de se pensar as cidades a partir da perspectiva de gênero na atualidade. Traçando esse paralelo, percebeu-se a importância de ouvir o que essas mulheres estão pensando sobre o espaço público e o que elas podem sugerir como melhoria a partir de suas próprias vivências.

Como parte da metodologia, foram elaborados dois questionários. O primeiro, de maneira online, com a finalidade de atingir o maior número de mulheres possível, e o segundo de maneira presencial, a fim de compreender a dinâmica da via e a relação das mulheres com esse espaço. As respostas coletadas vieram majoritariamente de mulheres que moram os bairros em que a Rua Expedicionários Brasileiros perpassa: Senador Nilo Coelho, Baixa Grande, Cavaco, Eldorado, Baixão e Centro. Contudo, também houve respostas de mulheres residentes de outros bairros da cidade, mas que precisam passar constantemente pela via, para trabalho, estudo ou utilização de algum serviço, como foi o caso dos bairros São Luís, Alto do Cruzeiro, Primavera e Brasília, por exemplo.

4.1 A PESQUISA DE CAMPO: NARRATIVAS FEMININAS

Para a compreensão do público-alvo do trabalho, foi perguntado às mulheres sobre identidade de gênero. Como mostra a Figura 03, a maioria das entrevistadas responderam que são mulheres cis, que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. Um número menor de mulheres respondeu que ainda não sabem se identificar.

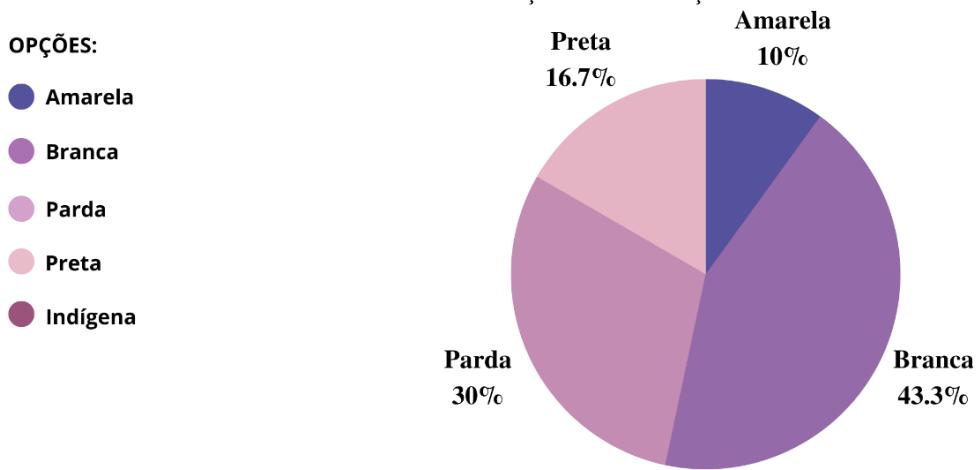
Figura 03: Infográfico sobre a identidade de gênero das entrevistadas



Fonte: Material elaborado pelas autoras, 2022.

Sobre a autodeclaração de cor ou raça, houve maior percentual de mulheres brancas e pardas, como aponta o gráfico 01:

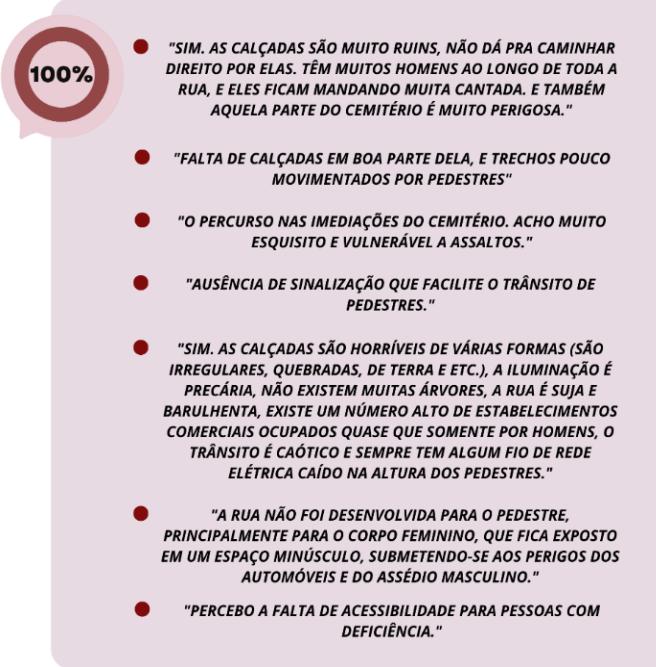
Gráfico 01: Autodeclaração de cor ou raça



Fonte: Material elaborado pelas autoras, 2022.

A partir dessas perguntas, buscou-se entender de maneira mais precisa o que as mulheres de fato sentem com relação à rua. Quando perguntadas de forma direta se existia algo de positivo e negativo ao caminharem pela Expedicionário Brasileiro, as mulheres responderam, como aponta a Figura 04, sobre as características da rua a partir de suas vivências nela.

Figura 04: Infográfico sobre a percepção das mulheres com relação à via.



Fonte: Material elaborado pelas autoras, 2022.

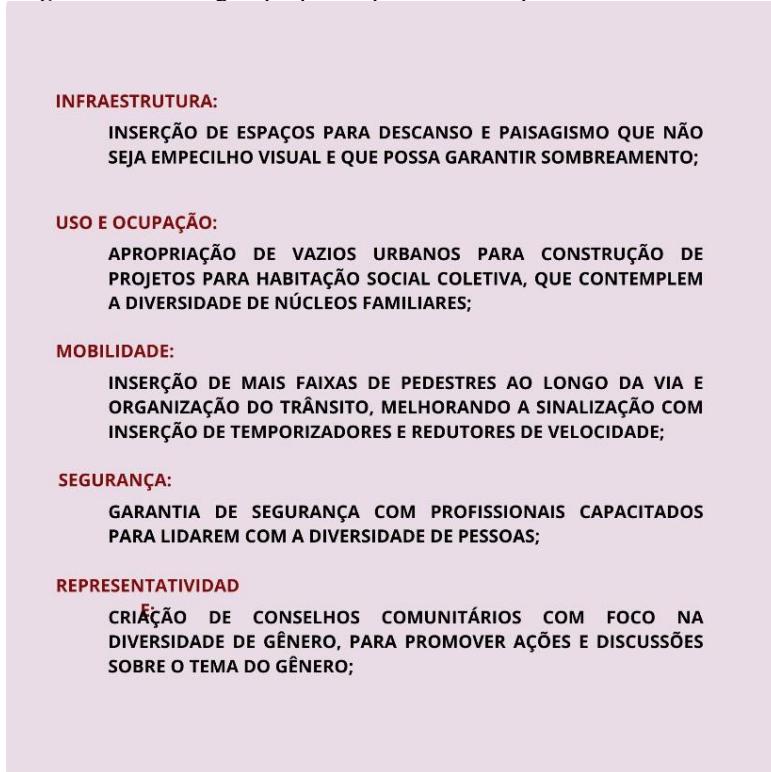
4.2 ESTRATÉGIAS URBANAS PARA A CIDADE DE ARAPIRACA-AL COM FOCO NO GÊNERO FEMININO

A partir dos modelos de propostas para espaços públicos com perspectiva de gênero analisados nos contextos nacionais e internacionais, onde o desenho dos projetos ou diretrizes de ação são direcionados através de experiências femininas e de outros grupos, foi compreendido que a aplicabilidade dessas iniciativas também era possível na dimensão da via objeto de estudo. No Frauen Werk Stadt I, por exemplo, foi constatado a partir das pesquisas documentais que as moradoras do complexo se sentiam mais tranquilas e seguras, tanto em caminharem no entorno da edificação quanto de morarem em seus apartamentos, uma vez que elas foram consultadas e participaram de todas as etapas do processo de projeto, sentindo-se representadas pelo espaço em que habitavam.

Com as iniciativas propostas pelo guia Parque Para Todas e Todos, também foi possível obter um resultado extremamente satisfatório por parte dos planejadores e projetistas da Orla do Vale do Guaíba, uma vez que, segundo os dados apontados através do próprio guia, o parque se mantém em funcionamento, com a constante presença de pessoas representadas pelos mais diversos grupos da sociedade. Tal resultado se deu pelo processo de construção participativa, onde a voz de usuários e usuárias puderam ser ouvidas durante todas as etapas de projeto e seguindo as normativas apontadas pelo guia.

Diante disso, foi compreendido também, através da pesquisa exploratória e conversa com as mulheres, que muitas das melhorias apontadas pelos projetos analisados também foram colocadas pelas entrevistadas, como a preocupação com a segurança, acessibilidade, melhor qualidade paisagística e mudanças de comportamento social, por exemplo. A partir disso, foram elaboradas estratégias direcionadas para a Rua Expedicionário Brasileiro, com foco nas narrativas femininas. Essas estratégias foram divididas em cinco linhas estratégicas, São elas: Infraestrutura, Uso e ocupação, Mobilidade, Segurança e Representatividade. Dentre essas estratégias, destacam-se algumas na Figura 05:

Figura 05: Estratégias propostas para a Rua Expedicionário Brasileiro.



Fonte: Material elaborado pelas autoras, 2022.

Para uma melhor compreensão a respeito da execução dessas estratégias, foram elaboradas também algumas ilustrações de intervenção baseadas em imagens reais da própria via. Essas ilustrações foram produzidas a partir das narrativas das mulheres nas entrevistas das entrevistas sobre o que fazer para tornar a Rua Expedicionário uma via também feminina, com mais segurança e acessibilidade, como mostram as Figuras 06.

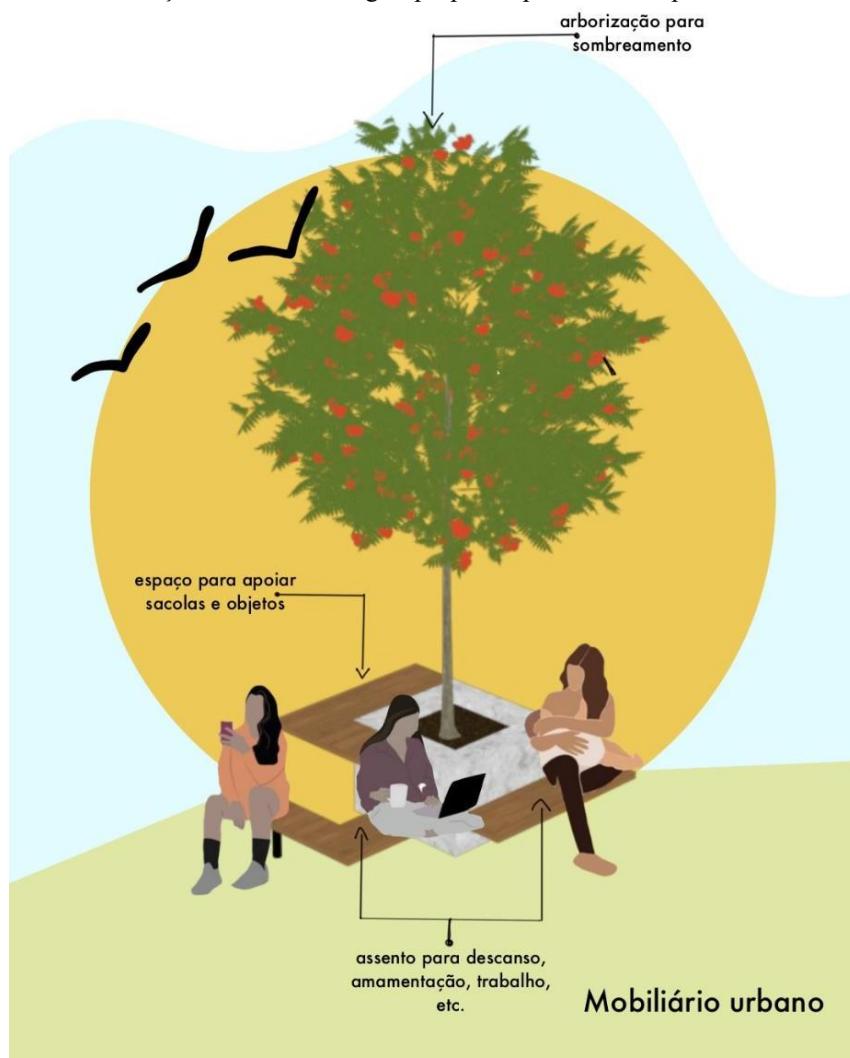
Figuras 06: Intervenções com as estratégias propostas para a Rua Expedicionário Brasileiro.



Fonte: Thatyane Silva, 2022.

São diversas as possibilidades para melhorar recortes do espaço urbano e tornar a experiência das mulheres mais seguras e confortáveis. Importante destacar que as melhorias possuem o potencial de serem mais utilizadas no momento no qual as ideias e projetos levam em consideração as necessidades reais das usuárias. Inserir pontos de apoio para sentar-se, apoiar sacolas e com sombreamento formam parte das alternativas para a criação de áreas de utilização e permanência de mulheres no cotidiano (Figura 07).

Figura 07: Intervenções com as estratégias propostas para a Rua Expedicionário Brasileiro.



Fonte: Thatyane Silva, 2022.

As paradas de ônibus são necessárias para a espera de transporte público, complementar, por aplicativo e mototáxi. Cobertura, iluminação e assentos são elementos integrantes que não estão presentes nas paradas de ônibus da Av. Expedicionários brasileiros, em curtas ou longas permanências os elementos beneficiam todos os indivíduos que vivenciam o espaço da cidade e o grupo feminino que na pesquisa demonstra sentir mais insegurança, conseguiria um espaço mais

protegido em diferentes horários do dia. A proposta é de que sejam inseridas paradas de ônibus com elementos necessários para proporcionar conforto para as pessoas que utilizam esses espaços na cidade (Figura 08).

Figura 08: Intervenções com as estratégias propostas para a Rua Expedicionário Brasileiro.



Fonte: Thatyane Silva, 2022.

A sinalização de trânsito e a iluminação dos espaços são fundamentais para travessias e percursos mais seguros. Por ser uma via com fluxo intenso de veículos e com a presença de estabelecimentos de usos diversos, é essencial que a circulação dos pedestres seja realizada com segurança em diferentes períodos do dia. A estratégia proposta é que os setores responsáveis por sinalização de trânsito e de iluminação urbana sejam parte integrante da melhoria do espaço, na inserção de elementos favoráveis ao longo da rua Expedicionários Brasileiros (Figura 09).

Figura 09: Proposta de intervenção para sinalização para a Rua Expedicionário Brasileiro.



Fonte: Thatyane Silva, 2022.

As intervenções físicas nas diferentes áreas da cidade são parte de modificações maiores que incluem a educação feminista e projetos participativos que levem em consideração os problemas vividos pelo grupo feminino ao circular e permanecer nas cidades no geral e em Arapiraca, especificamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões históricas que fundamentaram o mundo ocidental, da consolidação do planejamento urbano hegemônico a partir do século XIX e sua presença ainda maçante no modo de se desenhar as cidades do século XXI, foi possível compreender que a posição ocupada pela mulher na sociedade, apesar de tantos avanços, ainda é inferior e essa situação tende a se atenuar a partir dos recortes de raça e classe.

Ao realizar o recorte na Rua Expedicionário Brasileiro, em Arapiraca, e ao estar em contato com as entrevistadas durante o período da pesquisa, foi possível perceber que a configuração da cidade também é responsável por reforçar os papéis de gênero socialmente impostos. Assim, é importante que se reflita cada vez mais sobre o espaço da mulher no contexto urbano, dando voz e visibilidade ao que elas têm a dizer sobre suas experiências com relação ao lugar onde vivem.

A intervenção baseada em estratégias na escala viária buscou propor a inserção de novos espaços que possam ser mais acessíveis e inclusivos, com a implementação de melhorias básicas em infraestrutura, mobilidade, segurança, uso e ocupação e representatividade, para, além de melhorar esse espaço público, também propor mudanças de comportamento social com o intuito de esclarecer aos cidadãos e cidadãs arapiraquenses sobre a necessidade de pensar uma cidade mais diversa, onde tal diversidade possa ser exercida e respeitada. As estratégias expostas são propostas iniciais e que podem ser aperfeiçoadas, uma vez que o tema é novo para a cidade de Arapiraca. Esse aperfeiçoamento pode acontecer a partir da participação de mais mulheres, de planejadoras e planejadores urbanos e através do poder público municipal.

REFERÊNCIAS

CORADIN, Renata. Arquitectura e Gênero: três projetos em Viena. In: **I Congresso Internacional de Vivienda Colectiva Sostenible, Barcelona**, 25, 26 y 27 de Febrero de 2014. Máster Laboratorio de la Vivienda Sostenible del Siglo XXI, 2014, p. 156-161. Disponível em: https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2099/14900/156_161_Renata_Coradin.pdf. Acesso em 11 de Março de 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 18^a ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. 288p.

MONTANER, Josep Maria. MARTINEZ, Muxí Zaida. **Política e arquitetura**: por um urbanismo do comum e ecofeminista. São Paulo: Editora Olhares, 2021.

MUXÍ MARTINEZ, Zaida et al. Qué aporta la perspectiva de género al urbanismo? **Feminismo/s**, v.17, p. 105-129, 2011.

ORNAT, Marcio; SILVA, Joseli M. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná. In: **Revista de História Regional**, v.12, n.1, p. 175-195, 2007. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2243>>

RAMOS, Diana Helene. “**PRETA, POBRE E PUTA**”: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.